

RUTH GUIMARÃES

# Contos de Cidadezinha

*2ª. edição*

  
MADAMU

---

Copyright © 2023 by Editora Madamu

*Editores*

Marcelo Toledo e Valéria Toledo

*Revisão*

Equipe Madamu

*Projeto Gráfico*

KOPR Comunicação.

Imagem da capa: Cachoeira Paulista. Fotografia de Botelho Netto.  
(acervo do Instituto Ruth Guimarães). s/d

*Impresso no Brasil.*

*Nenhuma parte desta publicação poderá ser  
armazenada ou reproduzida por qualquer meio  
sem a autorização por escrito da Editora.*

*Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Madamu*

*Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP*

*CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497*

*www.madamu.com.br*

*E-mail: leitor@madamu.com.br*

G963c Guimarães, Ruth (1920-2014).  
Contos de cidadezinha / Ruth Guimarães. 2ª. ed.. São Paulo:  
Editora Madamu, 2023.

168p., 14 x 21 cm  
ISBN 978-65-86224-37-5

1. Romance brasileiro. I. Título

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Romance brasileiro. I. Título.

## Índice

07 *Duas palavras*

### CONTOS DE CIDADEZINHA

11 Visão

31 A história besta de Manelão

39 No dia em que deu a cobra

55 Figueira marcada

67 Descoberta

77 A presença

85 A primeira história de amor de João Faria

95 Os castiçais de Santo Antônio

133 As mãos de Teresa

141 Escuro

147 Duas mães

159 Ecce Hommo

167 *Sobre a autora*

## *Duas palavras*

Apenas duas palavras, dando as razões de ter escrito estes contos e que são, ao mesmo tempo, a justificação da minha presença no mundo. Eu escrevo. Outras perguntas a serem feitas, talvez não tenham resposta satisfatória.

Quem escreve, escreve para quê, para quem? Para quando?  
Indago de mim mesma e encontro numerosas respostas, possivelmente nenhuma correta.

Para obter honra e glória?

Para dizer tudo o que penso?

Para me aproximar do semelhante?

Para tentar derrubar o muro que separa um ser de outro ser?

Para aprender o sortilégio da vida, que, de outro modo, não alcanço?

Para justificar esta minha existência?

Para deixar impressos no mundo os traços da minha passagem?

Permitam-me falar de uma carta da cientista Marie Curie a sua sobrinha Hanna Szalay, em 13 de janeiro de 1913. Conta da

criação de bichos-da-seda das filhas, comentando as lagartinhas “tão ativas, tão conscienciosas”. Fala de sua aparência com elas, por causa da dedicação paciente a um fim único. Divaga: “Eu também era uma lagarta. Trabalhava sem ter a menor certeza de que lá estava o certo, mas sabendo que a vida é um instante, que nada deixa atrás de si, e que outras criaturas tudo concebem de modo diferente do meu. Se procedi assim, é que qualquer coisa obriga a lagartinha a construir o seu casulo, ainda que lhe seja impossível terminá-lo — e sempre com o mesmo capricho. E, se não chega ao fim da tarefa, morre sem se metamorfosear, isto é, sem recompensa.” E arremata a cartinha assim: “Que cada um de nós fie o seu casulo sem perguntar por quê, nem para que fim.”

Será, então, que escrevo para, terminado o fiar incessante do casulo, um dia emergir, ente alado, leve, cujo ambiente é a amplidão, livre afinal do cárcere que, por mim mesma, construí e fechei?

Então, será para mim mesma que escrevo?

Ah! Eu conto histórias para quem nada exige, e para quem nada tem. Para aqueles que conheço: os ingênuos, os pobres, os ignoros, sem erudição nem filosofias. Sou um deles. Participo do seu mistério. Essa é a única humanidade disponível para mim. Quem me dera escrevesse com suficiente profundidade, mas claramente e simplesmente, para ser entendida pelos simples e ser o porta-voz dos seus anseios. Daí esses **Contos de Cidadezinha**. Daí essas acontecimentos sem eco no mundo, mas contos de explicar a vida e seus segredos, que talvez possam conter a alma imortal de cada um, seja do rústico, seja do letrado, com suas virtudes essenciais.

Não realizo o alcance do meu clamor, como não reconheço, fora de mim, gravada, a minha própria voz. Ela me parece feia, inexpressiva, não a reconheço, não é a que escuto com a garganta, minha, em mim, nas profundezas do ser. Falta-me distância, falta-me perspectiva.

Assim, este livro. Depois de passado a limpo, depois de pronto para ser publicado, dado à luz, não o perfilho mais. Fora de mim, não tem já aquela quente singularidade do instante em que eu o concebia e gestava, em paixão e silêncio. Não significa sequer o quanto vivo a vida, nem quanto a amo.

Escreverei, hoje, para hoje? Que é quanto dura uma crônica de jornal? Para amanhã? Para daqui a um ano? Para daqui a uma década, que é quanto dura — quem sabe? — um livro?

Não sei. Realmente não sei. Continuo tecendo o meu casulo.

**Contos de Cidadezinha...** Que livro será esse? E nele, onde estou eu? Do que dou testemunho, certamente, é que eu estava mesmo aqui, enquanto os escrevia.

Ruth Guimarães

1996

## Visão

O homem cruzou sobre a bengala de raiz as mãos torcidas. Irmã Rita apareceu muito suave, o rosto fino e seco, a modo de um pássaro empalhado.

— O senhor por aqui, seu Malaquias. Está doente?

— Não, senhora, é a Maria...

— Não se levante. Então a Maria está doente?

Malaquias não respondeu. Ergueu o rosto, cruzou e descruzou as mãos. Irmã Rita passou a atender os outros que aguardavam, derreados nos bancos do ambulatório. De vez em quando, fazia perguntas, num rápido murmúrio. O sol ia alto. Dentro estava fresco. Um ramo de quaresmeira passava uma chama pela brancura da janela. A freira suspirou.

— Estamos no fim, Nhá do Carmo.

Malaquias voltou lentamente o rosto e chamou:

— Irmã...

Não eram os pios de pássaros que ouvia, nem os rumores agudos da manhã: desviava um pouco a cabeça, como quem ouve o chão. Deixou cair as palavras uma a uma, pesadas:

— A Maria vai largar de mim.

— Não, seu Malaquias. Ela fala por falar.

— Não falou, Irmã.

— Então, como é que o senhor sabe? Não vá atrás de conversa do povo.

— Não é conversa. Ninguém me contou. Eu sei.

Irmã Rita olhou para ele e ficou sem saber o que dizer. Sabia confortar os doentes, e acarinhar as crianças, e animar os desamparados; e falar de Deus aos moribundos; e falar do céu às jovens viúvas e aos órfãos; e trazer um sorriso aos lábios amargos das mães que perdiam filhos pequeninos. No entanto, não podia consolar um homem feito, cego, solitário, feio, que chorava de amor desesperado.

— Deus é quem sabe — murmurou.

Ele deixou que ele se fosse, tateando o chão com os pés gretados do contato com os caminhos pedregosos.

Dias depois, ele voltou. Sentou-se no mesmo canto, ao pé do galho de quaresmeira, aquele que depois foi cortado. Ali esperou, aguçando o ouvido, como de costume, a cada passo. A irmã indagou:

— Maria vem buscar o senhor?

Ele não respondeu logo.

— Qual! — respondeu afinal.

Ainda houve um longo silêncio que ele quebrou.

— Maria não se incomoda mais comigo. Foi tempo que era só eu demorar um pouquinho fora de casa, e ela batia atrás, indagando onde eu estava. Agora, pelo muito que ela liga, eu podia até ficar embaixo de um carro.

— Cisma sua, seu Malaquias. O senhor sempre foi homem ativo, agora tem que ficar sem fazer nada, pensamento atormenta.

— Antes fosse.

A pausa foi mais longa do que antes.

— A senhora mesma está vendo. Quêdê que ela vem? Quêdê que ela veio naquele dia?

— Está trabalhando. O senhor sabe que agora ela tem mais encargos. Aposentadoria sua é pouca, não dá. — A voz da irmã saiu com um leve e involuntário toque de censura, de que ela só se deu conta depois que falou. Mas o cego, susceptível como estava, deveria ter notado. — Entregue nas mãos de Deus, seu Malaquias. Ele dá volta.

A resposta tornou a demorar.

— Não, Irmã. Ela não está trabalhando. Eu sei. Percebo quando chega. O passo é leve, mal escuto. Entra em todas as peças da casa, sem sossego. Depois vai ficando vagarosa, pesada, parece que dá um passo e pensa, dá mais outro e pensa. E aí chega perto de mim e fala qualquer coisa, ligeiro, por prazer. Outra hora escuto, longe, no terreiro, ou na sala, a batida de quem dança. Fala comigo sem paciência. Não, Malaquias, já vou, Malaquias. Eu já não disse, Malaquias? Correu duas vezes, antonte, foi ficar na porta. Ficou um tempo. Quando voltou, perguntei: Foi enterro? E ela falou com um jeito desacorçoado: Também, Malaquia, a gente aqui nesta lonjura...

— Mas isso...

A irmã parou. O cego tinha se calado e estava outra vez com aquele ar tenso de quem escuta se alguém vem chegando. Quando tornou a falar foi num tom diferente:

— Agora comprou um vidro de água de cheiro.

Outra vez o silêncio grande, pesado.

— Peguei um passarinho na arapuca. — A voz do homem estava cansada e distante. — Coração dele ficava batendo na palma da minha mão. Única coisa que ele queria era escapar. Inda ‘trodia, Maria se aprontou. Ia pro emprego. Tudo igual a todo dia, mas não sei o que tinha ficado diferente. “Espera um pouco, Maria, quero ver você.” Eu disse. Passei a mão no ombro dela. Não era o vestido de seda. “Vou pro emprego.” “Sei, Maria”, eu disse. “Estou vendo. Não é o vestido de seda. Quero só ver se você está bonita. Estou me despedindo”. “Credo, não vou morrer”, Maria falou. “Não”, eu disse. “Não vai, não. Você é bonita.” “Bobo!” que a Maria falou. “Faz tempo”, ela falou a modo de quem está com pena. “Faz tempo e estou acabada. Emagreci”. Então dei um empurrãozinho nela e disse: “Vai que é tarde.” Vou, sim.” E ficou parada um tempão.

A freira esperou. Cego Malaquias também. No fim de uma expectativa um pouco ansiada, ele contou:

— Passei a mão no cabelo dela. Tinha uma flor.

Vieram chamar a irmã. Ela saiu no lento passo deslizante. O cego ficou só, as mãos cruzadas sobre o cabo curvo do porretinho. Dali a pouco apareceu Nhá do Carmo.

— Senhor não almoçou, não, seu Malaquia? Irmã Rita falou para o senhor vir comigo, almoçar na cozinha. Ela está ocupada. Desocupando, fala com o senhor, outra vez. Por aqui, seu Malaquia. Cuidado com o degrau. Agora pode ir em frente.

Quando a irmão voltou, ele tinha ido embora.

— Onde está seu Malaquias, Nhá do Carmo?

— Foi simhora, qualquer hora volta.

— Pode ser. No que ele precisa, Deus é que vai dar jeito. Não é tarefa pra mim.

Nhá do Carmo apenas ergueu os olhos, sem responder. Mas a irmã fez um vivo movimento, coisa rara nela, e emendou:

— Seja feita a vontade do Senhor e não a nossa.

— Amém, irmã. Vou ajudar na cozinha.

A velha Saninha morava daquele lado. Saninha lavadeira e a filha. De manhã muito cedo, com as mãos enfiadas no caldo de sabão da bacia de roupa, já estavam contando o tembé danado que tinha havido na casa do cego.

— Foi um bate-boca desgracento. Cego Malaquia ameaçou céu e terra. Dava de porretinho, caçando o ar, e acabou surrucando lá pra dentro, com aquele jeitão dele. Se puser a mão na Maria, coitada! Capaz que mate.

Irmã Rita ia passando.

— Ele gosta muito dela.

— Por isso mesmo, ‘mã Rita. Por isso mesmo. É quem gosta que mata. Quem não gosta, não liga. Olhe, vou contar pra senhora...

A irmã sorriu.

— Outra hora.

E se foi, andando um pouco mais depressa que de costume. As mãos se fecharam sobre as contas do rosário, apertaram-nas, com um inesperado movimento brusco, e depois as deixaram. Com um ruído seco, as contas se entrechocaram. À tarde, chamou Saninha.

— Queria que a senhora me fizesse um favor. Dê um pulo em casa do seu Malaquias. É longe?

— Não, senhora. Dá pra ir.

— E fala para a Maria dar uma chegadinha aqui.

— Será que adianta?

— Tenho um serviço para ela.

— Ché! Maria não quer trabalhar. Aquilo é bisca. Quer correr coxia. Mas eu vou lá, pó' deixar.

Velha Saninha saiu podiam ser umas quatro horas, com sol ainda alto e tempo bonito. Na saída, puxando o portão com uma das mãos, gritou para Nhá do Carmo que molhava com a mangueira o canteiro de crisandálias:

— Fala pra Irmã Rita que eu vou.

Se ela foi ou não foi, ninguém ficou sabendo. Apareceu de manhã, muito quieta, ela que era prosa como o quê. Sentou na banqueta de couro, puxou a bacia, abriu a torneira, acendeu o cachimbo. O velho rosto de esfinge ficou mergulhado numa nuvem de fumaça malcheirosa, enquanto as mãos iam fazendo com muita força o seu ofício.

— Irmã Rita mandou perguntar se a senhora deu o recado — falou Nhá do Carmo.

— Se esqueci... — respondeu seca.

— Com efeito!... — começou Nhá do Carmo, mas encolheu os ombros e se afastou. Saninha outra vez com seus azeites.

A velha não era muito certa.

Seu Luís tinha ficado de passar pela casa do cego, à tarde, quando saísse de charrete, mas o serviço foi muito, não deu tempo.

— Então, amanhã — disse Irmã Rita.

— Sim, senhora.

Na manhã seguinte, o tirante arrebentou, e o seleiro não consertava num dia. E a semana findou, serviço havia por demais, Irmã Rita fez retiro, Irmã Helena deixou as crianças do “jardim”

e passou para o serviço ambulatório. Ninguém se lembrou do Malaquias.

Minto. Saninha lembrou. Falou, na lavadeira, que fazia mais de semana que não via a Maria, com certeza voltava tarde. Que o cego ficava quentando sol, sentado perto da caieira, até de tardezinha. Que também Maria tinha razão, aquilo não era vida, ficar amarrada a um cego brabo, ciumento. Ninguém deu atenção. A filha resmungou que cada um como Deus o fez, e Nhá do Carmo acrescentou que quem fez a cama nela se deita. E com uma coisa e outra, mais uma semana se passou.

Irmã Rita não se lembrou, logo que voltou para o Ambulatório. Foi preciso que houvesse um concurso de circunstâncias, que viesse o mesmo sol, à mesma hora, que o vento lhe fizesse um aceno de quaresmeira na brancura da janela. De repente, veio-lhe ao pensamento a figura angulosa do cego, sentado no canto, agarrado à bengalinha de raiz.

— Seu Malaquias não apareceu mais?

— Não, senhora.

— Que será que anda acontecendo com ele?

— Ora, nada. Que havia de acontecer?

Irmã Rita ficou quieta uma porção de tempo.

— Não sei! — respondeu por fim. — Não sei, não. Aqueles dois não acabam bem.

Houve um silêncio. Vinha da cozinha o rumor da louça, de passos, de risos. Da rua, o ruído de carros e buzinas. Um carroceiro xingou o burro, até ficar cansado.

— Ela ia sair pro emprego — disse a irmã. — Seu Malaquias passou a mão no cabelo dela. Tinha uma flor.

— Peste! — respondeu Nhá do Carmo. E bateu três vezes na boca. — Deus que não me castigue. A gente também tem filha.

— Vá lá, Nhá do Carmo! Aproveite a charrete, que vai entre-  
gar mantimentos dos pobres. Fala pra Maria que faça o que quiser,  
que ande por onde quiser, que cuide da vida como entender, mas  
que não abandone o coitado do cego.

— Eu vou — concordou Nhá do Carmo brevemente.

Nhá do Carmo subiu ligeirinho os degraus escavados no  
barranco de ocre vermelho. A casa, por trás da cerca de pinhão  
bravo, era pouco visível da estrada. Tudo fechado. As janelas, pe-  
quenas como as de um pombal, a porta escura, amarrada com  
arame. Bateu na porta de frente. Rodeou a casa e foi bater nos  
fundos. Chamou. Ninguém apareceu. Havia uma ausência em  
tudo, um vazio definitivo de casa desocupada.

— Seu Malaquias!

De repente, sentiu medo e correu para a estrada.

— Cachorro? — perguntou seu Luís, manobrando a charrete.

— Que cachorro? É a casa. Parece assombrada.

— Assombração com dia claro?! Não tinha ninguém?

— Ninguém.

— Maria deu o fora — explicou seu Luís — e esse doido desse  
cego anda atrás dela.

Nhá do Carmo pensou no poço com as duas traves como  
uma forca, a água parada, com o estranho brilho de pupila morta,  
atrás da casa o descampado e aquele vazio e aquele sol e aquelas  
folhas paradas, nem uma viração bulindo.

— Vida triste! — arrematou.

Seu Luís deu uma chicotada no cavalo.

Isso foi na segunda-feira. Terça, de manhãzinha, beirando  
sete horas, o pessoal da caieira veio em fila pelo trilho do campo.

— Quê'aquilo? — um perguntou, arreando a ferramenta.

Os outros foram parando uns após os outros, firmando a  
vista, onde o sol já punha revérberos.

— É um toco.

— Ontem não estava ali.

— Nossa, João!

Pedro Santeiro saiu tropeçando, acomodando a corcunda,  
enquanto corria aos pulos, numa carreira escanifrada de caran-  
guejo. O paletó, que trazia sobre os ombros, escorregou e caiu,  
mas ele não parou.

— É o Malaquia...

Os outros o rodearam logo. Passado o primeiro susto, não  
sentiam temor. O corpo parecia tão tranquilo, estendido de lado,  
as mãos enclavinadas junto da boca, ainda cheia de cal! Deveria  
ter ido para a caieira de madrugada, pois estava todo coberto de  
orvalho, como um velho tronco.

— Está com Deus...

Tiraram os velhos chapéus de feltro esburacado, ou de palha  
encardida, ergueram os rostos curtidos, onde se lia a indagação.

— Por que terá sido? — falou seu Pedro.

— Sabei-me lá!

— A mulher, vai ver. Já ouvi falar...

— A Maria?...

Levaram um novo susto, porque do corpo largado no chão  
partiram gemidos cavos.

— Mãe de Deus, está vivo!...